

PERFORMANCES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: ANÁLISE DO FILME MENINAS MALVADAS

Paula Caroline de Moraes Pacheco (PPGECCO/UFMT) – p.carolinepacheco@gmail.com
GT 3: Educação e Diversidades Culturais

Resumo:

Este artigo parte de discussões sobre questões de gênero e sexualidade presentes no longa-metragem *Meninas Malvadas* (2004). Uma das comédias adolescentes mais reprisadas pelos canais abertos da televisão brasileira, o que torna pertinente sua escolha como objeto de estudo, uma vez que, ele também apresenta em sua narrativa nuances interessantes, do processo de construção de relações sociais e de suas mazelas, no colegial americano. Diante disso, o objetivo deste artigo é tentar compreender, a partir de elementos apresentados pelo filme, como as questões de gênero e sexualidade estruturam as relações de poder, problematizando assim a questão da diversidade no âmbito da educação. Lança-se mão da perspectiva interseccional, sobre a qual Piscitelli (2008) salienta que, oferece ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas desigualdades, o que suscita a necessidade de se contemplar igualmente as demandas formativas dos diferentes grupos sociais e culturais presentes na escola. A metodologia, de cunho qualitativo, será baseada na análise dos elementos constitutivos dos personagens, que evidenciam, cada um à sua maneira, a representação de gênero e sexualidade que a trama aborda. De maneira tangencial, a análise de conteúdo também constituirá um dos suportes metodológicos.

Palavras-chave: Gênero e Sexualidade. Relações de poder. Escola. Pluralidade. Análise de conteúdo.

1 Introdução

Meninas Malvadas, de Mark Waters (2004) é uma comédia romântica adolescente, que aborda as relações sociais e de gênero existentes no universo colegial. Este artigo pretende estabelecer um paralelo entre os personagens e diálogos presentes na trama, enfatizando as questões de gênero, sexualidade, relações de poder e sexualização do corpo feminino.

Francis Vanoye (2008) diz que o primeiro contato com um filme, traz uma profusão de impressões, emoções e intuições. Assim, ver *Meninas Malvadas* (2004), e rever tempos depois, pela perspectiva da pesquisa, trouxe novas percepções. Pois, ainda que a experiência fílmica seja individual há pontos compreensíveis a todos, e outros que necessitam de uma consciência crítica e cultural mais elaborada, o que conseqüentemente reflete no modo de perceber e compreender a obra.

De acordo ainda com Vanoye (2008), analisar um filme tecnicamente não é tarefa fácil, no entanto, a análise do conteúdo de um determinado filme pode ser enriquecedora e manifestar discussões, inquietações, ideias, direções e até mesmo antecipar tendências que transcendem o pensamento de apenas um ou outro diretor ou autor. Importante ressaltar que, esse artigo não será trabalhado pela perspectiva da análise fílmica sistematizada pelos parâmetros utilizados pela crítica do cinema, tampouco por descrição ou detalhamento mas sim, de modo a

compreender as entrelinhas dos personagens por meio de suas ações de sociabilidade e as representações destas no que tange ao gênero e sexualidade. Para tanto, estudiosos como: Judith Butler, Teresa de Lauretis e Laura Mulvey colaboram para melhor compreensão dos conceitos utilizados.

A proposta é elaborar as possíveis interpretações perante as falas originais e traduzidas do filme, bem como a correlação destas com as questões de gênero. Para clarificar a percepção serão pontuados tópicos do filme, problematizando com o universo do gênero, sexualização do corpo feminino e sexualidade.

O artigo está dividido em quatro momentos, o primeiro é este que por aqui se encerra, ou seja, a “introdução”; o segundo intitulado “o filme”, pretende fazer uma breve explicação sobre o mesmo e as provocações que ele propõe para este artigo; o terceiro momento intitulado “personagens e teorias basilares” faz a associação entre os personagens enfocados aqui e as teorias basilares, que são utilizadas para analisá-los e o quarto e último momento traz a conclusão e fechamento das ideias e problematizações.

2 O filme

Estreou em 2004 nos cinemas, e conforme Ramos (2020) “arrecadou mais de US \$130 milhões nas bilheterias mundiais”. Atualmente encontra-se disponível em plataformas *streaming*, como *Netflix*, o filme foi distribuído pela *Paramount Pictures*, dirigido por Mark Waters, produzido por Lorne Michaels, Tony Shimkin e Louise Rosner, com roteiro de Tina Fey, que também participa da trama como senhorita Norbury.

A protagonista é Cady Heron, interpretada por Lindsay Lohan - uma garota de 16 anos que foi educada em casa, viveu 12 anos na África e retorna aos Estados Unidos, Evanston – Illinois. A narrativa é feita por ela, e desde as cenas iniciais, é possível perceber sinais do machismo estrutural, presente até mesmo em crianças, quando em uma das memórias de Cady, um menino num grupo, diz “No terceiro dia, Deus criou o rifle *Remington Bull Action* para que os homens pudessem matar os dinossauros e os **homossexuais** (grifo nosso)” (Meninas Malvadas, 2004 – 1m32s).

A fala acima foi dita por um garoto que, assim como Cady, recebeu educação domiciliar. Ela aparece no momento em que a protagonista diz que as crianças educadas em casa são consideradas estranhas, “*Ou pertencem a algum culto radical*” (00h59m).

Embora o gênero do filme seja comédia, esse tipo de discurso evidencia que a homofobia é algo que pode ser ensinado às crianças em casa. O discurso está calcado em características pontuais do patriarcado branco e heterossexual, e um outro entendimento que se pode ter a

partir dessa associação entre animais pré-históricos com os homossexuais, é o estigma da extinção destes últimos, pela classe patriarcal, com atos de violência, sobretudo pelo uso de armas de fogo.

Na sequência da trama, Cady inicia sua vida no colégio *North Shore*, e tem dificuldades em se adaptar e socializar num primeiro momento. Contudo, faz amizade com a dupla *Damian Leigh* (Daniel Franzese) e *Janis Ian* (Lizzy Caplan). Por sua aparência, a protagonista é convidada a compor o grupo mais popular do colégio: *The Plastics* - As Poderosas, completando o quarteto de meninas que representam o padrão de beleza patriarcal (brancas, magras, ricas e heterossexuais). Para acrescentar uma dose de romance, a protagonista se apaixona pelo ex-namorado da líder das Poderosas, sentimento pelo qual ela passa a colocar em jogo seus valores pessoais.

Após essa breve apresentação da obra, serão trazidos neste artigo cenas e falas relacionadas aos aspectos de gênero e sexualidade dos personagens que compõe o elenco principal: Damian (Daniel Franzese), personagem assumidamente gay; As Poderosas (*The Plastics*): Regina George (Rachel McAdams), Karen Smith (Amanda Seyfried), Gretchen Wieners (Lacey Chabert) e Cady Heron. Fechando então com a exótica Janis Ian, que representa uma incógnita ao longo de todo filme, por sua aparência, comportamento e pelo seu visual.

3 Personagens e Teorias Basilares

Neste tópico do artigo serão abordadas as teorias relacionadas aos principais personagens do filme, na perspectiva de gênero, sexualidade e performatividade.

3.1 Damian Leigh e o olhar gay

É por meio da fala acima que o personagem Damian Leigh é apresentado ao público e à Cady, através da descrição de Janis. E, mesmo sendo branco e alto, o fato de ser gordo e homossexual o distancia dos moldes patriarcais. Em sua primeira fala dirigida a Cady, Damian, dispara “Essa é a cor natural de seu cabelo?” (5m 42s), com a resposta positiva de Cady ele prossegue dizendo que é lindo e finaliza (olhando para Janis) e afirmando “Viu? Essa é a cor que eu quero”.

A fala descrita pode ser considerada clichê de personagens gays, em papéis pequenos, nos filmes classificados como comédia. No entanto, embora Damian seja “tão gay ao ponto de extrapolar”, ele faz uso de uma visão masculina, como em duas falas em que se refere à protagonista. Primeiro no campo de futebol ao dizer que pela aparência Cady conseguirá “socializar facilmente”, e depois quando estão passando por dentro do colégio, no corredor: [...]

“Para uma gata como você, será fácil”. “Cuidado, por favor! Tem carne nova no pedaço!” (Meninas Malvadas, 2004 – 62m 24s).

As duas falas remetem à mulher enquanto objeto, ou até mesmo “um pedaço de carne”. Além disso, em quase todas as cenas em que o personagem aparece, ele está ao lado de Janis Ian, e a linguagem utilizada em suas falas está sempre relacionada a assuntos e termos femininos, típicos do clichê gay. Damian tem desejos e vontades de trazer pra si atributos femininos, como a cor do cabelo de Cady, ele quer ser “a rainha” e não o rei do baile da primavera, além disso a sua presença é naturalizada em espaços femininos, como: o banheiro feminino; o *Burn Book* – Livro do Arraso e a sabatina no ginásio, direcionada especificamente às meninas do colegial.

Para melhor contextualizar, serão listados alguns momentos nos quais Damian transcende o universo feminino, como parte dele.

- I. **No banheiro feminino (12 min 22 seg):** O diálogo é entre Janis e Cady, que discutem o fato de Heron passar a fazer parte do grupo das Poderosas. Ao saber da possibilidade da nova amiga ingressar naquele universo, Janis vibra pois enxerga a oportunidade de espionar Regina George, por quem Ian tem certa obsessão e desejo de vingança. No momento em que ela tenta convencer Cady a participar de seu plano, Damian aparece em cena fazendo um comentário sobre Regina: - “Ela é linda e malvada”. Neste momento, uma figurante que está no espaço, olha com expressão de revolta e diz a Damian: “Saia daqui!” Ele irônica e tranquilamente responde “Danny DeVito, adoro seus filmes!”. A garota sai correndo e Damian permanece no espaço. Curiosamente, a menina em questão se identifica visualmente com vestimentas masculinas, sem maquiagem ou acessórios.
- II. **“Livro do Arraso” (21m 16s):** A imagem de Damian está presente no que parece um anuário secreto recheado de fofocas maldosas que é criado e mantido pelas Poderosas. O grupo utiliza esse livro para registrar as meninas do colegial por meio de fotos com legendas pejorativas mas muitas vezes verdadeiras. O tal dossiê parece ter como objetivo desqualificar pessoas, mas as autoras do livro a princípio, não estão nele

O Livro do Arraso (*Burn Book*) surge em cena na primeira visita de Cady Heron à casa de Regina George, e é nele que Heron encontra a resposta da obsessão de Janis

Ian por Regina, pois, em uma foto, Ian aparece ao lado de Damian com a legenda: “Janis Ian - sapatão”. Quando perguntam quem está ao lado de Janis na imagem, Cady responde “Ele é tão gay que extrapola”, e com essa legenda Damian fica registrado no livro, que até aquele momento só mantinha registros feitos por meninas e de meninas

Todo ano o North Shore realiza “O Show de Talentos do Colégio North Shore”, no qual os alunos apresentam algum tipo de talento para a comunidade. Nesse evento, Damian foi anunciado pelo Mr. Duvall (Diretor), interpretado por Tim Meadows (35m39s) “Nossa primeira apresentação se chama: Uma Estrela em Ascensão!”. Com essa fala, se percebe que Damian não só ocupa espaços femininos, mas faz uso de linguagem e títulos femininos para se referir a si mesmo como “Uma estrela”, e não um astro em ascensão.

Antes do evento mais esperado do filme que é o baile da primavera, o “Livro do Arraso” vem à tona e todo registro que estava nele também, o caos se forma no *North Shore* e o Mr. Duvall interfere convocando todas as garotas do terceiro ano para uma reunião em forma de sabatina.

III. Na sabatina do ginásio: todas as garotas e alguns professores se reúnem no ginásio, e apesar de Damian não ser uma aluna, mas sim um aluno do colégio, aparece ao lado de Janis Ian, trajando óculos escuros e casaco com capuz em tom lavanda.

O objetivo da reunião é melhorar a maneira como as meninas se relacionam entre si “de garota para garota”, o que teoricamente não incluía Damian, mas ainda assim é possível vê-lo tanto na arquibancada quanto no momento do “perdão coletivo”, uma estratégia elaborada para que cada menina subisse ao palco e se desculpasse por alguma atitude ou fala maldosa que tivesse tido em relação a outra.

Assim, individualmente cada garota sobe ao palco e com um discurso de própria autoria, elas o fazem. Na ocasião, uma mulher que não é aluna do colégio, mas está no ginásio, sobe ao palco e faz um discurso emocionada, neste momento Damian grita ao fundo “Ela nem estuda aqui!” (“Meninas Malvadas, 2004 – 1h14m06s). A Senhorita Norbury pede à mulher que se retire, mas Damian permanece no lugar.

A partir das situações elencadas, é possível fazer algumas ponderações sobre o personagem no filme. O perfil dele traz uma sutil leveza no que concerne à disputa pelo poder daquele universo feminino, além de ter de maneira social a homossexualidade relativamente suavizada no ensino médio, pois a figura atacada publicamente por sua suposta sexualidade é Janis Ian, e não Damian. O fato dele circular de forma quase natural no meio feminino faz

parecer que a inclusão e aceitação do homem homossexual nos espaços comuns à mulheres tenha mais passabilidade que o contrário.

Ao longo do filme o personagem não demonstra interesse por qualquer pessoa, independente do gênero. No baile da primavera ele e Janis usam o mesmo modelo de fraque, na cor lavanda, se beijam no evento, mas se arrependem imediatamente. O que se pode perceber aí, é a cena cultural abordando questões relativas à sexualidade e trazendo a variados públicos, ainda que no campo imagético, a influência que a questão do gênero e sexualidade refletem nas relações sociais.

Segundo Lopes (2006-381) “a determinação de um olhar gay desconstrói o par olhar masculino/objeto feminino, ressignificando filmes que não foram feitos para um público gay”. Na perspectiva deste autor, ao construir um jogo de identificações com as estrelas, sobretudo femininas, como personagens excepcionais que impõem ao seu mundo a sua diferença”. Esse olhar gay desconstruído fica claro quando Damian se refere ao grupo *The Plastics*.

Ainda de acordo com o conceito de *camp* utilizado por Lopes (2006), que pode se aplicar a Damian, um comportamento que remete à “fechação” na linguagem gay, ou seja, ao homossexual espalhafatoso e afetado, ainda que de forma leve. O autor vê como importante contribuição repensar a homosociabilidade masculina em lugares como nas escolas, de forma a fortalecer a identidade homossexual visível publicamente.

3.2 Regina George e a sexualização do corpo feminino

O universo das Poderosas é regido por segredos e fofocas, outro estigma em torno da figura feminina. Regina (a líder das *The Plastics*) em tom de ironia diz à Cady que irá ajudá-la a conquistar Aaron (seu *affair*), o que faz com que Heron se aproxime dele e seja convidada para a festa de *Halloween*. Inocentemente, ela vai ao evento com uma fantasia fantasmagórica de “noiva-zumbi”, enquanto as outras garotas ao invés de fantasias assustadoras vão trajando pouquíssima roupa e, de maneira sensual e sugestiva, o que nos leva mais uma vez ao estigma da sexualização do corpo feminino.

Laura Mulvey (1975) diz que o olhar masculino determinante projeta sua fantasia na figura feminina, que é estilizada de acordo com a sua fantasia, a mulher é mostrada como objeto sexual, é ela quem conduz a erotização. Na cena em que Regina George surge fantasiada para o Halloween, ela é aplaudida e incentivada pela mãe, mas curiosamente esse é o único momento em que o Sr. George (pai de Regina) aparece, sem dizer nada, mas demonstra estar desapontado ao ver a filha naqueles trajes. Isso nos leva a um outro ponto: o olhar masculino para a mulher

enquanto objeto não se aplica à família tradicional, ou seja, o homem enquanto pai não quer ver a filha mulher como objeto sexual, só a filha dos outros.

Ainda sobre o *Halloween*, há mais um estigma em relação a mulher: logo no início da cena da festa, duas garotas aparecem se beijando naturalmente no meio da sala, representando mais um elemento sexista. Além disso, a festa de *Halloween* foi um divisor de águas na vida de Cady, pois é o momento em que ela passa a odiar Regina, por esta ter “pego Aaron de volta”, bem na frente dela.

O evento causou revolta em Cady e a motivou a fortalecer a aliança junto à Janis e Damian. A partir de então, o trio passa a elaborar secretamente um plano para desbancar Regina, ordenadamente: eliminar o namorado bonito; o corpo “tecnicamente atraente”, e as suas seguidoras ignorantes. Como parte do plano, Cady continua como membro do grupo das Poderosas, muda seu estilo para os moldes das *Plastics* e fica cada vez mais parecida com Regina.

Um outro cenário do filme, também traz bastante visibilidade para o auge da sexualização do corpo feminino, pois o enquadramento, o figurino e as luzes estão todas voltadas para o prazer visual focando a mulher como objeto, é o “show das Poderosas” na apresentação de talentos do colégio.

As *Plastics* aparecem vestidas como “Ajudantes do Papai Noel” ao som de *Jingle Bell Rock*, no entanto, o ritmo do que seria um *jingle* de natal é dançado de forma sensual e provocativa, com gestual e enquadramentos voltados para os atributos corporais das Poderosas. Porém nesse *take* é possível notar mais uma vez, o homem enquanto pai: quando a imagem foca no senhor Heron na plateia a expressão dele é semelhante ao do Senhor George, ou seja, o sagrado da figura feminina enquanto filha, não pode ser associada ao prazer visual, a sexualização de seu corpo enquanto esta for sua filha, mas o fato é que todas são filhas de alguém

As Poderosas são como Mulvey (1975) apresenta em seu texto Prazer visual e cinema narrativo: o objeto sexual como fio condutor daquele espetáculo erótico. Ainda no mesmo texto, Mulvey (1975 - p. 437) afirma que “o cinema reflete, revela e até mesmo joga com a interpretação direta, socialmente estabelecida, da diferenciação sexual que controla imagens, formas eróticas de olhar e o espetáculo”. E é com esse olhar que as *The Plastics* são representadas.

Branças, heterossexuais, magras, bonitas, populares, ricas e altamente enquadradas naquilo que podemos chamar de padrão cis. Nas palavras de Damian “*A realeza da escola*”. De fato, cada uma das componentes, com seus atributos físicos representam o *top trend* naquele

universo. A principal é Regina George, a “abelha-rainha”, e as outras são as “abelhas-operárias”.

Sobre a definição *The Plastics*:

O nome *Plastics* vem da perfeição física e da frieza de objetos, como as bonecas de plástico. Essa ideia, também, se associa com o conceito de escopofilia de Mulvey, sobre o prazer pela observação e tornar as pessoas objetos dessas visões. (*apud* Toris, Barbosa – 2018, p. 9).

O filme realmente acontece quando as *Plastics* entram em cena, e não demora muito para que Cady seja convidada para se juntar a elas. Convencida por Janis Ian, que vê nisso a oportunidade de se vingar de Regina George, Heron aceita fazer parte do clã *Plastics* e reforça tal decisão quando se apaixona por Aaron Samuels, ex-namorado de Regina.

Quando ingressa no mundo *Plastics*, Cady percebe que “O Mundo das Garotas”, é cheio de regras que vão muito além de vestimentas, cabelos e acessórios, pois, ex-namorados são proibidos. Heron segue as regras ditadas pelas Poderosas e passa a admirar a antagonista do filme, como “a boneca Barbie que ela nunca teve”. Regina George morava em uma casa majestosa, tinha um carro conversível e morava na suíte principal da casa, no cenário familiar dela é possível conhecer Kylie (irmã mais nova), e a sua mãe, a senhora Juno George.

Kylie é uma criança que aparece poucas vezes no filme, na primeira cena em que ela surge, é dançando de forma sensual em frente à TV vendo um videoclipe que não parece fazer parte da sua classificação etária, além disso, em outra cena, ela surge simulando o que parecia um *topless*. Nas duas ocasiões, a menina está assistindo TV sem a supervisão de um adulto, esse trecho do filme remete a uma das quatro figuras do conjunto de técnicas discursivas que formam a “tecnologia sexual”: a sexualização das crianças, trazido por Lauretis em “A Tecnologia do Gênero”, fazendo referência a Foucault.

A Sr.^a June, loira, magra e siliconada, figura como uma mãe moderna e diferente das outras, configurando mais um elemento da teoria de Foucault: a sexualização do corpo feminino.

3.3 Janis Ian: a Performatividade de gênero

Janis Ian está entre as principais personagens do elenco, mas não pertence aos padrões de beleza convencionais. É a única estudante que aparece trabalhando, tem fama de lésbica e é segregada socialmente por isso. Ian pertence ao grupo das minorias, ela é classificada como “estranha”, e o seu local no refeitório, no esboço da representação social fica “às margens” juntamente com Damian, seu amigo gay.

A sexualidade de Janis Ian é uma incógnita. Desde a primeira aparição de Regina George, fica evidente o sentimento de amargor de Janis em relação a Regina, principalmente quando dentre outros adjetivos, ela a descreve como “a maldade em pessoa”. O olhar de Janis para as Poderosas parte de uma perspectiva da visão masculina da personagem:

Em *Meninas Malvadas*, as personagens se apropriam desse olhar masculino, de desejo e de transformar a outra em objeto de desejo, e passam a usá-lo para falar das meninas que estão envolvidas na trama. Podemos perceber isso nas falas de Janis, quando ela descreve o corpo das personagens e a câmera enquadra as partes dos corpos dessas meninas. A câmera se torna nessa situação, os olhos dos espectadores, que acompanham a cena. (Torisu e Barbosa, 2018, p.5).

A fama de Janis surge muito antes da chegada de Cady Heron ao *North Shore*, pois no passado Regina George espalhou pelo colégio, que Janis Ian nutria por ela uma paixão lésbica, com isso influenciou os demais estudantes a assinarem uma petição na qual constava que “Janis Ian era muito lésbica”. O que não fica claro na trama é o quê, além da maldade, levou Regina a disseminar tal informação e o porquê resolveu atingir justamente a questão sexual em torno de Ian.

As razões da revolta de Janis em relação à Regina não ficaram claras inicialmente. Quando Cady tenta entender o motivo, Ian nunca o revela, e se Damian tenta dizer é interceptado por ela. Ao longo da trama, a impressão que se tem é que Janis o silencia para esconder um segredo, de fato a fama de lésbica não a beneficiara em nada no passado, no entanto, a postura utilizada por ela, abre ao espectador a possibilidade de refletir sobre os motivos que a levariam a ocultar tal informação.

Ao conhecer o Livro do Arraso, Cady e o espectador começam a entender a mágoa da personagem Janis Ian, uma vez que nele há uma foto dela com a legenda “Janis Ian - sapatão”. Na maior parte da trama não é possível afirmar se o que estava escrito era fato ou boato, porém, quando o conteúdo do livro vem à tona, muitas informações, por mais bizarras que pareçam ser, são verdadeiras, o que fortalece a desconfiança sobre a sexualidade de Janis. Até porque Janis sempre evitava o assunto, mas nunca o desmentia.

Paralela a participação de Cady nas *Plastics*, a amizade entre Janis, Cady e Damian, seguiu em segredo perante o outro grupo, e quando Regina os flagra conversando, Cady disfarça e Regina revela (33m02s):

“Nós éramos muito amigas no primário. Dá até vergonha. Eu nem sei... Deixa pra lá. Eu comecei a namorar o Kyle, que mudou para Indiana. Janis morria de ciúmes dele. Se eu saía com Kyle e não com ela, ela dizia: “Porque não me ligou?” Eu dizia: “Você está obcecada!” O meu aniversário seria uma festa na piscina. Eu não a convidei porque achei que ela fosse lésbica. Não podia convidar uma lésbica para uma festa com meninas de biquíni! Ela era lésbica! A mãe dela brigou com a minha mãe. Que ridículo! Então ela saiu da escola, porque ninguém mais falava com ela. Ela voltou com o cabelo curto, esquisita. Deve ter pirado. (*Meninas Malvadas*, 2004).

Diante disso, e por todo o suspense que envolve a personagem, foi que se resolveu observar a personagem voltando olhar para o gênero e a sexualidade da mesma. Assim, serão elencadas algumas cenas que podem ter gerado a problematização da mesma.

Nos bastidores do show de talentos do colégio, Damian pergunta a Janis se ela não fica chateada pelo fato das Poderosas se apresentarem com uma coreografia desenvolvida por Ian mais um elemento que coloca em evidência o olhar masculino de Janis Ian sobre a mulher.

Aos cinco minutos e quarenta e cinco segundos de filme, um aluno passa por Janis na sala de aula e ironiza o seu cabelo, perguntando do que ele é feito, ela responde grosseiramente: “Pêlos do peito da sua mãe!”

O que se percebe aí de maneira clara, é que Janis também se refere ao corpo feminino como algo pejorativo, pode ser uma linguagem desleixada ou uma resposta malcriada para uma brincadeira de mau gosto.

A sua linguagem oscila, pois aos 7m24s ela dispara: “Você é uma gata”. Essa fala é feita por Janis, quando ela tentava explicar à Cady que para ela seria fácil “socializar” ou ser aceita no colégio, assim, nessa visão da personagem pode-se entender também que a boa forma do corpo feminino é vista como moeda de troca para as relações sociais.

No banheiro, em uma conversa com Cady, aos 12m15s: “Ela é uma vagabunda! Ela acabou com a minha vida!” - Damian ainda tenta explicar o porquê da visão de Janis: “Regina espalhou um boato...” - Janis o interrompe, impedindo-o de concluir a fala, deixando sempre um suspense no ar quando o assunto é esse.

Em um outro momento, quando Cady chega desolada à casa de Janis, porque Regina agarrou Aaron(29m28s), Cady questiona chorosa e quer entender o motivo de Regina ser assim, e Janis diz: “Ela gosta de estragar a vida dos outros”. E Damian tenta completar “Aos 13 anos ela nos fez assinar um papel dizendo que Janis...” - sendo mais uma vez silenciado por Janis.

Na sequência dessa cena, momento em que o trio se organiza estrategicamente para desbancar Regina, Janis elabora as seguintes estratégias em uma lousa (29m 38s), o primeiro ponto é Aaron Samuels: “Regina não seria nada sem um namorado bonito”; o segundo ponto é o Corpo Gostoso: Corpo tecnicamente atraente; e o terceiro tópico, é eliminar o grupo de seguidoras ignorantes da abelha-rainha.

Seguindo pelo olhar masculino da personagem, há uma cena em que Cady aparece criticando Regina por esta estar engordando, e Janis diz (44m22s): Ela está engordando. Seus peitos estão enormes. Na versão legendada não ficou tão evidente, mas Janis acabou elogiando

os seios de Regina, fazendo mais uma vez menção a peitos, para se referir às mulheres. Ainda na mesma cena, aos 44m46s, Janis indaga Cady “Que cheiro é esse?”. Heron responde: “Regina me deu esse perfume.” - E Janis diz: “Tem cheiro de prostituta infantil.”, colocando mais uma vez um elemento pejorativo para se referir ao universo feminino.

Durante uma discussão entre Janis e Cady, ela dispara (1h30s): “Não é minha culpa se você se apaixonou por mim!”. Essa fala leva o espectador a questionar “qual fator teria levado Cady a pensar que Janis poderia estar apaixonada por ela?”

Para concluir as reflexões em torno da personagem, na sabatina coletiva, quando Janis Ian vai fazer o seu discurso, e a plateia é composta majoritariamente por meninas, dentre elas, Regina George que está na plateia, diz (1h14m53s): “Olhem é o sonho da vida dela, mergulhar em um monte de meninas”. A plateia ri. Janis guarda um papel no bolso e discursa (1h14m59s):

- Pois é. Vim pedir desculpas. Eu tenho uma amiga que é aluna nova. Eu a convenci a destruir a vida da Regina George. Ela fingiu ser amiga da Regina, e depois ríamos de tudo o que ela dizia. Nós fizemos ela comer algo que a fez engordar. Fizemos com que ela brigasse com as amigas, e Cady... beijou o namorado da Regina e o convenceu a terminar com ela. E demos creme para pé para ela usar no rosto. Desculpe, Regina. Não sei por que fiz tudo isso. Deve ter sido porque eu tenho uma paixão lésbica por você! (Grifo nosso). Agora aguente.

O que o espectador pode entender desse discurso de Janis? Seria tudo planejado em torno de uma vingança ou Janis era realmente lésbica e nutria por Regina algum sentimento? No tom usado por Ian, nessa fala, é possível notar certa ironia, porque ao mesmo tempo em que Janis desmascara Cady, também expõe Regina e ao final fala sobre o mistério que a cerca, e mais uma vez não desmente o boato, apenas o ironiza.

Um outro ponto voltado para o visual e imagem de Janis Ian, é quando chega o baile da primavera, Janis veste uma espécie de meio-fraque largo, na cor lavanda, com gravata borboleta, e tênis masculino. Como contraponto, Damian Leigh usa o mesmo modelo de traje de gala. Em que medida a questão da vestimenta de Janis seria relacionada a uma questão de estilo ou de gênero?

No baile, Janis e Damian se beijam (1h31m10s), mas logo em seguida fazem cara de nojo, o que pode-se perceber são duas figuras com uma relação subjugada no filme, mas pra encerrar essa cena Janis é tirada para dançar pelo personagem nerd Kevin G, com quem ela fica no final do filme.

É fato que a personagem Janis Ian é vista de forma marginalizada, por ser como é. Mas ao final, a mensagem subentendida é que ela era apenas uma garota diferente das demais. O desdobramento em torno de Janis levanta várias questões que podem ser trabalhadas, pois

embora de maneira suave, e ainda que não houvesse a intenção poderia ser analisada, como a questão da lesbianidade em comédias românticas, bem como o pensamento *queer*, afinal este filme se passou nos Estados Unidos, e em 2004 já haviam muitos debates sobre o tema.

Sobre a visão masculina das personagens de *Meninas Malvadas*, pelas lentes de Janis Ian, o artigo publicado por Torisu e Barbosa, reforça a evidência do olhar masculino presente na personagem

[...] devido à influência do patriarcado, na produção dos filmes, a personagem Janis se apropria do olhar masculino para poder descrever e apresentar as outras personagens. Por mais que esse olhar tenha o nome de masculino, ele não é única e exclusivamente usado pelos homens. O filme mostra que mesmo as mulheres podem tomar posse dessa posição e olhar para as outras mulheres com o olhar masculino. (Torisu e Barbosa, 2018 – p.13).

Ainda sobre trabalhos que analisam a personagem Janis Ian, e os desdobramentos da mesma no filme, é possível fazer referência da personagem a uma Janis Ian da vida real, a cantora liricista e lésbica, isso porque para Hana S., a Janis do filme e a Janis da vida real têm duas realidades em comum: são artistas e lésbicas, e ainda para Hana, os autores do filme tentaram trabalhar um apagamento lésbico da personagem. De fato, durante a maior parte do filme, há uma imagética construída em torno da sexualidade de Janis Ian, o que nos leva a pensar em como o gênero funciona nas relações sociais humanas em formação, e como a comunidade ou a própria sociedade o interpreta.

É possível ainda analisar o que Butler (1998) traz sobre a performance e a estilização dos corpos serem construídas e reforçadas ao longo do filme, seja por meio da linguagem, da fala ou das ações dos personagens. Em certa medida, Janis Ian reforça o estigma em torno de sua personagem, na maior parte da trama. De acordo ainda com Butler, o conceito de gênero é melhor entendido como “performativo”, o que presume a existência de uma plateia social, nesse caso, a comunidade do Colégio North Shore.

De fato, os padrões das relações e a dinâmica no colegial são delicadas, e por vezes difíceis de terem limites, podendo trazer efeitos cruéis, como o *bullying*, tão comum nas relações de poderes existentes nos colégios, na qual o padrão do mais forte prevalece sobre o mais fraco. Alguns elementos são evidentes na trama, mas a obsessão de Janis Ian por Regina George e o desejo em puni-la, é um ponto forte.

Tentar compreender Janis e os motivos que a leva a certos tipos de comportamento, abarca não só um processo analítico fílmico e mas psicossocial que vai muito além das lentes do cinema e do olhar do espectador, mas esse debate caberia em um outro artigo.

É verdade que existe em Janis um suspense inerente a filmes, como na questão em torno da sexualidade da personagem problematizada durante boa parte da trama, e que causou reflexos em sua vida social. Ao final, o desfecho de Janis Ian foi o subentendido namoro com um personagem que afirmou durante o filme que só gostava de negras (57m 50s), tornando um pouco desconexo o affair dele com Janis, que era branca. Ainda sobre a sexualidade da personagem, fica a reflexão: o beijo que ela deu em Damian pode ser considerado um beijo gay? E pensando de forma mais crítica, diante da trajetória da personagem: teriam os autores do filme trabalhado realmente o apagamento lésbico da personagem?

Considerações finais

De acordo com Vanoye (2008, p.15), o filme é o ponto de partida e de chegada da análise, responder então a todos os questionamentos aqui levantados, implicaria em escrever um outro artigo, e de fato, trata-se de um filme para não ser levado tão a sério, mas há de se considerar que o aparelho cinematográfico é um elemento de alto alcance e influência em vários nichos sociais, uma vez que o cinema representa uma tecnologia de gênero, conforme Teresa de Lauretis.

Considerando também que ainda segundo Lauretis (1987), gênero não é sexo ou condição natural, é a representação de cada indivíduo, e a sua construção também se faz por meio da sua desconstrução. É possível então desconstruir Janis Ian como mulher heterossexual e trabalhar a hipótese de que ela realmente pode ser lésbica, ainda que pareça desafiador, é possível, pois se seguirmos na linha de pensamento de Teresa de Lauretis as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, sendo a construção do gênero, tanto o produto, quanto o processo de sua representação.

De certo modo, quando um analista fílmico se expressa sobre o filme, pode fazê-lo com a visão e impressões postas a partir da sua percepção, e por vezes se colocar na realidade do filme, trabalhando assim elementos que o espectador comum muitas vezes não percebe ou não conhece. Como dito inicialmente, a análise aqui proposta não se enquadra nos parâmetros da análise fílmica, mas sim na visão de gênero e sexualidade dos personagens.

Sobre o que os personagens Damian e Janis representam, fica a reflexão em torno da imagem destes, nos detalhes de suas representações em imagem associadas a elementos da representatividade LGBTQIA+, como por exemplo a cor lavanda que é utilizada por ambos no baile da primavera, nos trajes de gala, e por Damian no momento da sabatina no ginásio, uma vez que a cor lavanda é uma das cores da bandeira tricolor “*gênero queer*”, uma identidade utilizada por pessoas que não se dizem cisgêneros, mas é claro que trata-se aqui de uma

"criação" totalmente assumida por mim enquanto analista, e é possível a representação da cor pode ter sido coincidência.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. **Atos performáticos e a formação dos gêneros**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista.

Genderqueer. **Orientando**: Um espaço de aprendizagem. Disponível em: <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/genderqueer/#:~:text=Lavanda%3A%20Androginia%20e%20andr%C3%B3gines%2C%20al%C3%A9m,fazem%20refer%C3%Aancia%20a%20g%C3%AAneros%20bin%C3%A1rios>. Acesso em: 07 de janeiro de 2021.

HANA, S. **Desmi(s)tificando Janis Ian**. Disponível em: <https://medium.com/@kireihana/desmitificando-janis-ian-1dd704866c0b>. Acesso em: 15 de dezembro de 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. **Interseccionalidad, políticas identitarias, y violencia contra mujeres de color**. Platero, R. ed., *Intersecciones: cuerpos y sexualidades en encrucijada*. Madrid, p. 87-125, 1993.

LAURETIS, Teresa de. Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. - (Coleção Campo Imagético). LOPES, Denilson.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail. (org.). **A Experiência do Cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 263-274, 18 dez. 2008.

RAMOS, Francielle. **Lindsay Lohan faz afirmação sobre sequência de Meninas Malvadas (16/04/2020)**. Disponível em: <https://spinoff.com.br/lindsay-lohan-faz-afirmacao-sobre-sequencia-de-meninas-malvadas/>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

TORISU Bárbara; BARBOSA Karina Gomes. **O Olhar Masculino No Filme Meninas Malvadas**. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG. Intercom. 2018.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 5 ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2008:1994.